

Aspectos da Missão Indígena no norte do país

P. Walter Sass

Vivi sete anos com o povo indígena Kulina e estou há 11 anos com o povo Deni no Estado do Amazonas. Conviver com uma cultura bem diferente da própria é uma escola da vida. Aprendi muito mais do que pude ensinar.

Os Kulina me convidaram para trabalhar com eles. Com eles vivia um casal, P. Roberto Zwetsch e P^a Lori Altmann. Eles queriam ser testemunhas cristãos de uma maneira diferente, não tanto pela doutrinação, mas pela convivência. Eu entrei no espírito desta nova maneira de missão entre indígenas.

A convivência foi e é importante para conhecer a cultura, a religião, a língua e os costumes de um povo. A solidariedade foi e é necessária na luta pela terra e contra os preconceitos dos não-indígenas. Os indígenas não experimentaram a Boa Nova na sua história. Até a sua religiosidade própria foi lhes negada.

Os Mitos dos povos indígenas presentes e levados a sério

Eu percebi como os seus mitos estão vivos ainda hoje no dia-a-dia. Os velhos contam as histórias antigas:

- Uma vez fui com o então estagiário, Rogério Link, para o roçado dos Deni. Os indígenas queriam apanhar folhas de vekhama, uma planta que asfixia os peixes. Ficamos curiosos e perguntamos: “Como é que o povo Deni descobriu a planta vekhama, que faz com que os peixes fiquem tontos?” Os Deni contaram, ainda ali no roçado, a história da menina bonita Mahaniru que foi assassinada, mas do túmulo dela nasceu esta planta. Os Deni até hoje cantam para Mahaniru antes de uma pescaria.

- Em outra ocasião recebi um consolo a respeito dos piuns. O professor Vamuna, da aldeia Morada Nova, contou a história de Shushuvaha Shushu, que fala do surgimento dos primeiros mosquitos. E conclui dizendo: “Antigamente tinha muito mais piuns e mosquitos, agora têm poucos, graças a um pajé de antigamente!”

- Os Deni e outros povos indígenas contam a história de dois irmãos que recriaram o mundo depois de um dilúvio. (Nenhum povo vive mais no paraíso!). Os Deni os chamam Tamaku e Kira. Um deles, Tamaku, é muito ordeiro. Seu irmão, Kira, é brincalhão e atrapalhado. É a sabedoria da vida: dois lados, aparentemente opostos, se complementam. Isto cria uma abertura para o outro e ao mesmo tempo uma atitude de humildade frente à opinião e visão do outro.

Nos mitos se reflete uma espiritualidade

O bispo luterano da Nigéria Alex Malasusa fala sobre o diálogo entre as diferentes religiões: “Na Europa se quer entrar no diálogo antes de ter lido as Sagradas Escrituras do outro. Onde fica o fundamento comum?”

Os Deni não têm escrituras sagradas. Mas eles têm seus mitos e seus rituais religiosos. Por isso, antes de tudo, temos que conhecer a espiritualidade Deni.

Com a ajuda dos anciãos e dos professores Deni elaboramos um livro de mitos Deni. Este livro conta como surgiram os povos, os animais, as plantas e como foi o dilúvio... Quando eu anotava com os Deni seus mitos, percebi algo bem especial nos mitos: No início do mundo todos os bichos, plantas, estrelas eram seres humanos. O homem não é o centro do mundo. Tudo e todos são interligados. Os indígenas vêem este mundo como uma “sociedade da vida”.

- Um dia Tunavi Deni se sentou ao lado da minha rede e contou o mito do pajé, Kapihava que foi atrás de água. “Não existia água na terra. Depois de uma longa caminhada em direção ao sol, encontrou um sapo grande, turatura, que pediu ao pajé que ele o matasse para obter água. Ao matar o sapo, surgiram os primeiros rios, o Cuniuã e os outros rios.” Tunavi Deni contou a história de uma maneira surpreendente. Às vezes ele falava de Kapihava, outras vezes substituía o nome de Kapihava pelo nome de Jesus. Eu me lembrei de textos da Bíblia que falam do Deus trinitário já presente no meio deste mundo antes que o missionário tivesse chegado (João 8,58).

Saravi Deni conta como cristãos não respeitaram a cultura indígena. Um pastor chegou à sua aldeia e batizou sua aldeia inteira e proibiu comer quelônios, porcos do mato e peixes sem escamas. O povo não agüentou por muito tempo essas novas leis. A fome falou mais alto. Quando Saravi encontrou o mesmo pastor em Manaus e contou que eles não obedecem mais as novas leis, o pastor falou: “Então vocês vão para o inferno!” A resposta de Saravi foi: **“Deus é maior. Foi Tamaku que criou tudo para nós comerem.”**

Depois de perceber que sua religiosidade foi valorizada por nós, missionários da IECLB, os Deni pediram Bíblias da IECLB. Acho que o caminho esteja certo: O Evangelho não foi imposto negando a religiosidade e cultura indígena. Os Deni a lêem e a comparam com os seus mitos e descobrem muitas semelhanças. O compartilhar dos alimentos, a busca de soluções durante conflitos, a valorização dos velhos e o carinho encontram-se nas palavras de Jesus. Os Deni vivem e, penso que já viviam segundo estes valores, mesmo antes de terem conhecido a Bíblia.

Missão não só de anúncio da Palavra, mas também de ação

A missão entre os Deni não podia ficar só nas palavras. Comecei a dar aulas na língua Deni. Elaboramos uma cartilha de alfabetização. Hoje já há professores Deni em todas as aldeias. Quando cheguei à aldeia, ninguém sabia ler nem escrever. Hoje 80% das aldeias sabem ler na sua língua. A terra estava invadida por seringueiros e pescadores que tiraram toneladas de peixes dos rios, de modo que passaram a ser escassos para os Deni. Os Deni, que tiveram o primeiro contato com seringueiros nos anos 40, sofreram muito. Muitos morreram e passaram fome. Eles viviam escravizados tirando borracha para os seringalistas. Apoiei os Deni na luta deles pela terra. Esta terra, que desde tempos imemoráveis pertenceu ao povo Deni.

O líder Bahavi Deni escreveu em 1996 sobre a importância da terra e da mata: “É na mata, que está a nossa alimentação. Lá também há a carne de caça, as frutas e os peixes. O rio e os igarapés também ficam na mata. A mata é muito importante para proteger a terra. Ela também protege a água e os animais. Não queremos a retirada de madeira da nossa mata para não acabar com ela. **Sem a mata, fica só uma terra pobre. Por isso que queremos a nossa terra demarcada.**” Quando uma madeireira da Coreia do Sul invadiu a área Deni, o Greenpeace, o CIMI, COMIN e outras entidades se juntaram, reivindicando e pressionando e para que a FUNAI finalmente demarcasse em 2003 a terra Deni: A área demarcada é de 1 530 000 hectares para aproximadamente 1 200 indígenas Deni. Hoje há uma casa flutuante na boca do rio Xeruã, afluente do rio Juruá. Os Deni vigiam a sua área. Eles têm a consciência que a preservação da mata é importante para a sobrevivência deles e também para o mundo inteiro.

Em 2005 houve uma seca nunca vista na Amazônia. Parte da mata virgem perto dos roçados queimava. Saravi Deni, cacique da aldeia Morada Nova, fala sobre a responsabilidade de todos os povos a respeito das mudanças climáticas: “Nós temos que preservar a nossa mata. Na natureza podemos observar um pássaro chamado japiim. Ele tem como aliados os maribondos que fazem suas casas na mesma árvore. Os maribondos defendem os ovos e os filhotes dos japiins quando os tucanos querem se apropriar dos ovos. Todos nós vivemos na mesma árvore neste universo. Os não-indígenas são maribondos para nós quando eles defendem os nossos direitos. Nós somos maribondos para os não-indígenas pois estamos cuidando da mata para que ninguém a destrói.”

Os Deni fundaram a sua própria associação com a assessoria do COMIN para assumir projetos como a revitalização e futura comercialização do peixe pirarucu. O jovem líder Deni Kapivahari resumiu: **“Estamos nos preparando para assumir nossa associação sem precisar da ajuda direta do branco. Assim que isso acontecer o CIMI, COMIN e OPAN podem ir trabalhar com outros parentes que os precisam mais do que nós.”**

O autor é pastor na IECLB e atua na Missão Indígena em Caruari/AM